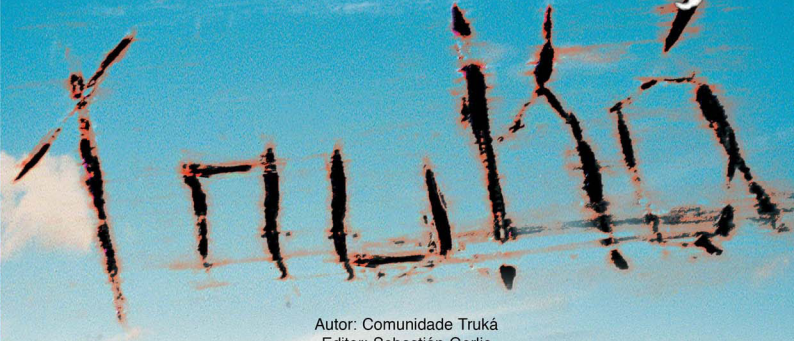


ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



Autor: Comunidade Truká
Editor: Sebastián Gerlic

Patrocínio:



Realização:



Apoio:



Os índios Truká são os verdadeiros autores deste livro, os textos e as fotos foram feitos em Oficinas de Identidade e Expressão Criativa dentro das comunidades, em junho de 2002, com a participação de muitos índios e a colaboração de Gabi de Mello e Sebastián Gerlic.

O projeto ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS quer registrar seu sincero agradecimento a todo o povo da Nação Truká, seus caciques e pajés, cada um dos índios, crianças e adultos, e especialmente a: Família Ciriaco, família Cirilo, família Carinhonha, família Procópio, Edna Pajeú, Lurdinha Marinheiro, Issor, Quinca, Maciel, Teliane e a todos os professores indígenas Truká.

Projeto Educativo Sócio-Cultural: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Idéia e Coordenação: Sebastián Gerlic

Produção Executiva: Cristina Lima

Projeto Gráfico: Luis Henrique

Finalização: Rogério Rios

Facilitadora: Gabi de Mello

Consultoria: Derval Gramacho

Administração: Márcia Cardim

Realização: Thydêwá

Queremos especialmente agradecer ao trabalho de muitos índios de diferentes Nações que dão vida a este projeto: Kariri-Xocó, Fulni-ô, Pankararu, Tumbalalá, Kiriri, Tupinambá, Xucuru-Kariri e Kaxinawá.

Agradecemos também a Fernando Rocha, Eduardo Gouveia, Jurema Machado, Djalma Ferreira, Thelmo Gavazza, Eduardo Safira, Paula e Davi Pita, Carlos Eduardo Lemos Chaves, David Glat, Nicolas Hallet, Naum Bandeira, Rosângela Lima e Luiz Carlos.

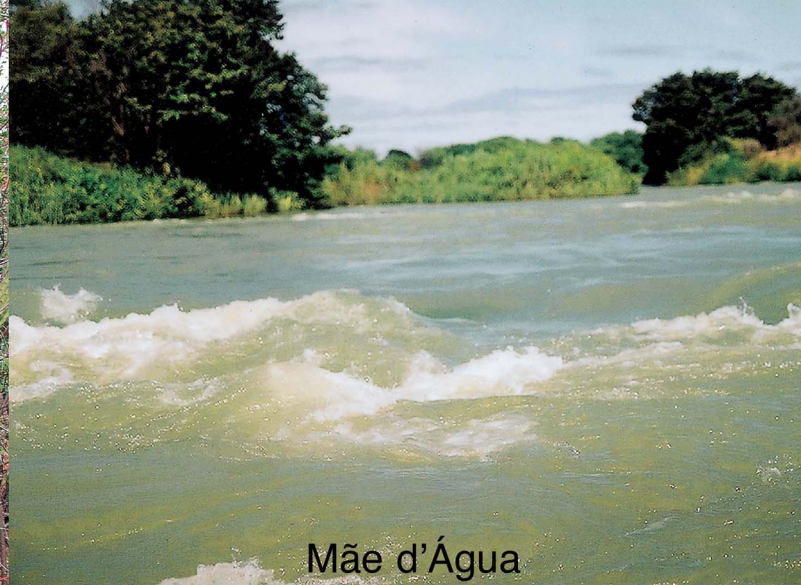
www.visaodosindios.com.br
dosindios@terra.com.br

Trechos desta obra poderão ser citados, desde que mencionada a fonte.



Se o cabra não souber entrar na mata, entra mas não sai.

Para entrar na caatinga **tem que pedir licença**, porque ela tem dono! O dono desta mata chama-se Manoel da Obra. Que é um Encantado, um Mestre que a gente respeita muito.



Mãe d'Água

Uma vez que minha avó estava no Toré, foi buscar água mais as amigas dela. Aí enchia o pote e ele ficava preso no rio, não saía da água.

Aí voltou no Toré e disse:

A água não quer sair do rio, não! Esta presa como uma pedra!

Aí falaram p'ra ela:

Vai ao rio e diga a Mãe d'Água que você quer água para o povo dela beber.

Aí foi e pediu, tirou e levou a água.

Reserva Truká (Pernambuco - município de Cabrobó) 8.400 hectares demarcados.



Um dia chegou uma mulher muito esperta, uma tal de Dona Brigida, que se aproveitando de ver esses povos dentro do mato botou esse pessoal para trabalhar, para fazer tijolos, telhas e carregar pedras na cabeça até construir uma igreja em Cabrobó.

Foi assim que amansou muitos índios. Depois veio o convento dos freires, casa profissional de escola, dois juizes, um de menor e o ordinário. O pessoal que trabalhava foi convencido a dar renda para a santa. Nossa Senhora Rainha dos Anjos até gado tinha.

Pedro Alberto Maciel, 1926



Eu acho que cada ser humano tem o direito de fazer da sua vida e da sua convicção religiosa o que quiser. Eu, particularmente, não sou católico. Não gosto da igreja, porque foi quem mais destruiu a nação indígena.

Foi a igreja quem mais viciou os índios a fazerem coisas erradas.

Nós, indígenas, e principalmente o povo Truká, temos a convicção de que a igreja é um dos maiores latifundiários. A maioria das terras indígenas está em poder da igreja.

O problema é que algumas lide-ran-ças antigas, não só do povo Truká, mas de todos os povos, se encantaram com conversas bonitas, com pequenos presentes, que não são nem presentes, são formas de enganar e se aproximar dos índios e desviar a sua trajetória de vida.

Eu, não sei se determinado por Tupã, nasci com uma coragem imensa de fazer voltar a nossa história como era antes.

Issor Truká - Cacique

ESCRavidÃO

Por volta de 1840 até 1900, os brancos compravam uma barçaça de gado levando 4 ou 5 índios como escravos. Na época de Brígida de Alencar, quando ela conseguiu dominar uma parte das nossas terras e quando os políticos da Câmara de Cabrobó conseguiram entrar na Ilha da Assunção, o juiz da Câmara vendeu a metade da terra da ilha e a outra metade ele arrendou para um cunhado dele. E os índios que eram rebeldes – Caboclo Mané da Onça, Caboclo Arco e Flecha, Índio Queleu – se refugiavam nas ilhotas p’ra não se entregar ao sistema implantado pelo presidente da Câmara.

Aqueles outros, mais pacíficos, que achavam que o branco era bonzinho, ficaram para ser escravos nas cidades desconhecidas.

Com isso em torno de 50 a 60% do nosso povo desapareceu daqui.

Sempre no final do ano a igreja chegava e pegava as coisas para ela.

O padre perguntava quantas novilhas o índio tinha. Ele respondia e o padre dizia que não ia levar os bezerros, mas ia levar as novilhas. Separavam os paióis de milho. Se caso fossem dois, o padre dizia que a igreja precisava de um e meio. Sempre no final do ano a igreja chegava e pegava as coisas para ela.

Estes crimes estão em documentos e demonstram o tipo de artimanhas que eles usavam contra a gente.

Antigamente os índios eram massacrados, amarrados, chicoteados, laçados, trancafiados, amordaçados... p’ra poder servir de escravo para os outros. A igreja nos roubou demais e permitiu que nós fôssemos dizimados.

Eu ainda acho que a gente sofre pouco se comparado ao passado, tenho revolta em meu coração. A gente ainda vê pessoas se formando só para fazer maldade.

Hoje temos muitos guerreiros que brigam...

Hoje nós vemos nosso povo com o poder de voz que antes não tinha.

Hoje nós índios só queremos os 12% de nosso território, como os brancos determinaram na Constituição. Mas é vergonhoso que de todo o território nacional nós temos menos de 0,2% reconhecido e demarcado.

E o povo ainda chama o índio de violento e de criminoso.

Issor Truká - Cacique

A MINHA MÃE ERA RAINHA
RAINHA DE PORTUGAL
O MEU PAI ERA PROFESSOR
EI NA EI
DENTRO DA FAMÍLIA REAL

OLHA O ÓLEO DA QUIXABA PRETA, MINHA VÓ
OLHA O ÓLEO DA QUIXABA PRETA, MINHA VÓ

Segundo o que eu ouvi de meu avô, Antônio Cirilo, e de outras pessoas mais velhas sobre esse ponto de Toré é que os portugueses pegaram alguns índios como escravos. Um deles era uma das índias mais sábias da região e ela era considerada a mãe de todos pelo seu espírito maternal, pela forma que ela acolhia os seus irmãos. E o seu marido, um dos guerreiros da aldeia, era considerado um professor, uma espécie de adivinhão, um profeta e ensinava muita coisa.

Aí dá p’ra ver como o próprio índio conta na *linha* que até alguns portugueses, mesmo tendo tomado ela como escrava, viam ela como uma rainha, pela sua sabedoria, pela sua bondade. Ela tanto ajudava os índios, como os colonos. Ela salvou muita gente com a sua sabedoria de cura, com seus remédios de pau, beberagens. Até os próprios portugueses admitiam que ela tinha – não um lugar na coroa –, mas um lugar dado por todos, como rainha.

Nós temos o conhecimento de que sempre se usava o óleo da quixaba para algumas doenças, como o bucho inchado. Também se fazia o óleo para espantar o inimigo. Dizem que o óleo da quixaba é mais quente que os outros. E quando se referia ao óleo da quixaba na *linha*, era por causa de um índio que estava agonizante, vítima dos invasores, dos colonos, dos inimigos. Este índio, além de querer tomar o óleo da quixaba para tentar melhorar, também pedia para a avó dele jogar óleo quente nos inimigos. Na época, nem todos os índios se curvaram à colonização de Portugal. E a única arma que encontravam naquele momento era o azeite da quixaba.

Temos alguns mestres de aldeia e juremeiros que têm contato com os nossos antepassados e encantados de luz. Através deles, nós temos o conhecimento e as informações de como nós temos que fazer, como devemos proceder e as medidas e os cuidados que devemos tomar. São eles que carregam os nossos costumes e é através do ensinamento deles que eu, junto com outras lideranças, vamos seguindo e tentando conduzir a aldeia Truká.

Issor Truká

Amanhã vou matar tudinho!

Apolinário Siqueira, o Chinchá, o bicho era ruim e mandava recado: Amanhã vou matar tudinho! Não vai restar um só índio nesta terra!

A gente trabalhava com os posseiros de *meia*. Muitos índios aqui trabalhavam com ele na roça de feijão, milho, cana (p'ra dar para o gado). Se um trabalhador tirasse uma cana p'ra chupar, ele tinha que pagar. Se um índio tivesse um bode ou outro animal que pulasse a cerca de Chinchá, ele mandava matar o bicho.

Ele maltratava, batia e humilhava os trabalhadores. O salário era uma miséria, os trabalhadores passavam fome.

Nós tomamos a porteira e tinha um delegado Vidigal e eu mandei seu Deodato, Lurdes Cirilo e Lurdes Ciriaco a Brasília e fiquei ao redor dos outros. Ficamos na porteira de borduna, facão, pau, foice e botamos uns piquetes, paus e pedras p'ra gente se esconder, nas saídas e rodagens. Graças a Deus ele desapareceu. Depois que ele ganhou indenização da benfeitoria que ele tinha, ele morreu.

Depois de tudo indenizado, esse Chinchá veio até minha casa para pedir desculpa por tudo! Chinchá me disse: Pelo amor de Deus, me perdoe. Mas também só veio pedir desculpa já com o dinheiro na mão. Eu perdoei.



Eu tive 5 filhos e sustentava eles com a pesca. Eu não vendia meu dia para roça dos outros, não! Eu saía domingo para pescar e só voltava sábado. Ai, ia para rua, pois era dia de feira, e eu dobrava de novo, eu mais outro colega.

Tinha semana que eu voltava com 14 surubim da minha altura. Tão grande que parecia um homem. Uns 9 palmos e chegava até 60 kilos. Dava trabalho p'ra botar dentro da canoa. Faz uns oito p'ra nove anos que eu nunca mais vi esse peixe nem ouvi falar dele.

Já faz 12 anos que sou o cacique e o pessoal gosta de mim. Os tratos é só para fazer o bem. Tudo tranqüilo.

QUINCA - JOAQUIM FERREIRA DA SILVA - Cacique



XICÃO XUCURU foi quem clareou a mente de muitos de nós e como a esposa dele disse depois do assassinato:

XICÃO NÃO FOI ENTERRADO; ELE FOI PLANTADO. E QUE DAQUELA ÁRVORE NOVOS FRUTOS SAIRIAM.

Faz muito tempo que andam dizendo que vão acabar com a FUNAI. E a gente vem resistindo para que não acabe. Se acabar a FUNAI vai aparecer outra. O que a FUNAI está precisando é ser reestruturada!

Temos que acabar esse negócio de só entrar presidente da FUNAI quando um político indica. Temos que eleger pessoas capazes e que mostrem um trabalho sério, porque tem gente que está lá dentro só defendendo o que ganha e não está nem aí para os índios.

Na FUNAI já entrou gente com uma seriedade incrível, que tinha um acompanhamento da luta, como Glenio, que foi um grande indigenista. Outro de trabalho sério foi Márcio. Mas quando eles percebem que tem pessoas com sensibilidade, eles cortam o orçamento e deixam o cara sem condições de trabalho. Hoje, a realidade é que pessoas que se preocupam com a causa indígena não têm vez dentro da FUNAI. Tudo que o governo e a FUNAI querem é que cada um tenha sua luta isolada.

Assim, vamos aprendendo as táticas para lutar com esses caras: se organizando e se mobilizando. Indo p'ra rua com faixas e denunciar à imprensa. Quando eles não querem nos receber no Congresso Nacional nós saímos dançando e cantando Torê pelos corredores, até que nossas reivindicações sejam atendidas.

APRENDEMOS MUITO COM OUTROS POVOS...

As pessoas têm que conhecer seus direitos. Assim, cada um vai saber se defender. A LUTA QUE EU FAÇO É POR AMOR. TENHO AMOR AO QUE EU FAÇO.

Este país, que sabemos que é dominado por meia dúzia, só vai mudar quando os índios, os negros, os sem-terra, os sem-teto tiverem organizados, falando uma única língua. Quando for um país que seja igual para todo mundo. Não um país onde muitos jogam comida fora e outros passam fome. Um país que respeite os direitos que as pessoas têm.

As pessoas têm uma visão muito pequena, acham que o índio tem que estar isolado, dentro do mato. A tecnologia não foi criada para amarelo, preto, branco. A tecnologia é para todos. Nós podemos encarar a tecnologia sem perder nossa identidade. Se nós não entrarmos na tecnologia vamos ficar com a visão defasada.

Na realidade esse negócio de tutela nunca existiu. Com a tutela nos chamam de incapazes. Se eu sou tutelado eu não tenho nenhuma autonomia de resolver minhas coisas nem do meu povo. Meu povo não pode optar, por exemplo, em fazer uma cooperativa sem ter o aval da FUNAI.

Temos o contato com a Natureza, com os Encantados de Luz. Aquela força que vem quando você está perdido e aí segura uma folhinha na mão e aquilo vem e você sente clareando sua mente!

E chega embaixo de uma árvore, na beira do rio e está totalmente sem inspiração... acende o *quaqüi*, fuma e pede p'ra Tupã e a Mãe Natureza para clarear a cabeça e aliviar o corpo. Somos sempre atendidos!

Ensinamos para nossos filhos os valores da Natureza e o que é o Povo Truká. Explicamos o que é o nosso ritual, o que é cada Encanto de Luz. Tudo isso aprendemos e temos que repassar para os outros.

Temos consciência que todo mundo é irmão, que é diferente da visão de muitos brancos, que só pensam em si.

Se Deus quiser, ainda vou ver todos os povos felizes! É uma missão muito difícil, mas acredito que um dia vamos conseguir!

Há 500 anos a gente vem dizendo p'ra eles o que tem que ser feito: Tem que se ter amor ao próximo e paz no coração. Que uma criancinha tem o mesmo direito que um adulto.

O que vemos nesse país é um absurdo! Os direitos de negros, índios, mulheres e crianças desrespeitados. E só o povo pode mudar isso! Todos organizados!

Nossa preocupação, no processo de retomada, sempre foi a autonomia de nosso Povo.

A terra é o ponto de partida para tudo que se discutir a respeito da questão indígena.

Sem a terra não tem como garantir a saúde, a educação, a subsistência e o próprio amanhã do povo.

Por isso, quando for necessário: **Autodemarcação.**

Neguinho Truká

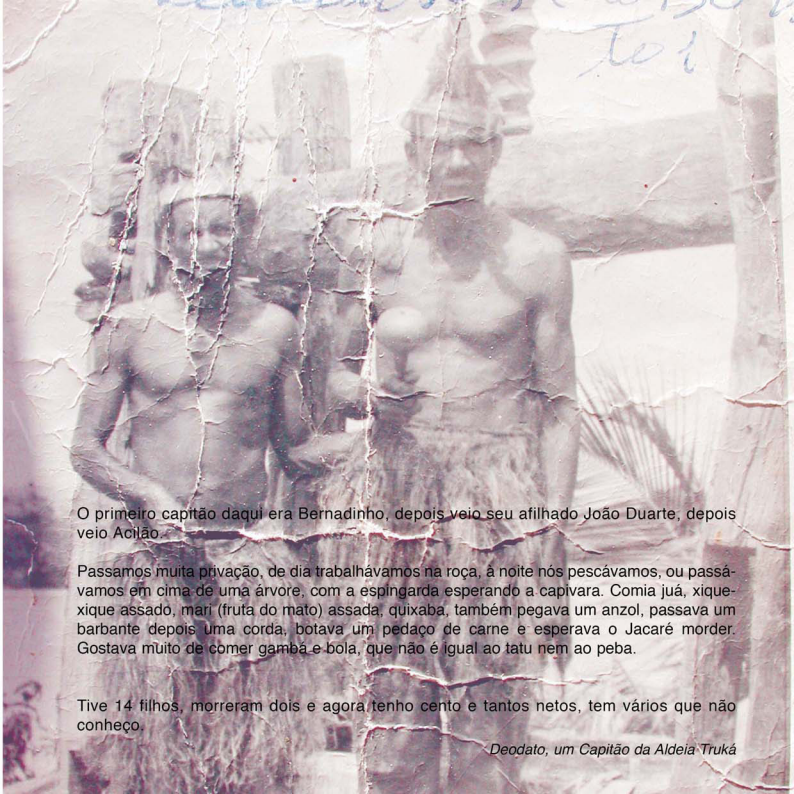
Minha mãe era original daqui. Quando casou a primeira vez, casou com um baiano, e eu sou filho natural da Bahia, nasci em 1926. Minha mãe foi buscar trabalho na Bahia, na terra de um fazendeiro. Fazia rapadura. Eles se juntaram e ficaram lá até 1932. Em 1937, meu pai morreu e, em 1939, viemos embora para a Ilha.

Acilão era o velho que sabia cantar Toré (ritual) e *Fazer Mesa* (outro ritual). Morreu e passamos 10 anos parados. Depois me ajuntei a outros e recomeçamos a fazer nossos rituais escondidos porque aqui a terra era do branco. Lembro de uma vez que fui atacado por três carros de polícia aqui dentro da ilha, era muito comum os brancos pagar à polícia para vir atacar a gente. Tínhamos uma roça coletiva para sobreviver e uma vez, um pouco antes da coleta, um tal de Expedito mandou a polícia destruir e fui falar com o delegado, que me contou a história e eu disse: "Me dê por escrito". Aí eu fui para Recife e nossa luta foi ficando

forte até começarmos a ir para Brasília e em 1976,

retomamos nosso primeiro pedaço de terra, eram 6 braça

(9 metros aproximadamente) para cada família. Eu fui pedir a área toda, mas eles só deram um pedacinho. Eles queriam que só pegasse um pedaço para minha família e acabasse por aí, mas eu fui por todos, as 73 famílias.



O primeiro capitão daqui era Bernadinho, depois veio seu afilhado João Duarte, depois veio Acilão.

Passamos muita privação, de dia trabalhávamos na roça, à noite nós pescávamos, ou passávamos em cima de uma árvore, com a espingarda esperando a capivara. Comia juá, xique-xique assado, mari (fruta do mato) assada, quixaba, também pegava um anzol, passava um barbante depois uma corda, botava um pedaço de carne e esperava o Jacaré morder. Gostava muito de comer gambá e bola, que não é igual ao tatu nem ao peba.

Tive 14 filhos, morreram dois e agora tenho cento e tantos netos, tem vários que não conheço.

Deodato, um Capitão da Aldeia Truká

nós só queremos a paz.

Foi em 2000.

Era um me pegando pelo cabelo, outro tentando botar a algema e outro me espancando. Quem eles viam eles batiam. Nos pisavam como se a gente fosse um bicho duro. Eles iam apontando armas p'ra todo mundo, mas os índios foram chegando...

Quando os policiais viram a multidão se amedrontaram. Era muito índio chegando. Ai, chamaram um helicóptero. Eles iam atirando de cima para baixo... As balas passavam raspando por nossas cabeças... Queimando as orelhas.

Era uma ira que dava nesses policiais... Quanto mais sangue eles viam mais vontade eles tinham de bater. Eu perguntava porque eles queriam me prender e eles não diziam, só falavam que eu tinha que morrer. Foi quando eu comecei a sangrar muito, nos olhos e sangue por todo o canto, os meninos ficaram nervosos e vieram em cima de mim. Quando eles viram aquela agressão comigo eles chegaram perto e gritaram para a polícia que me soltasse. Uns foram presos para eles me soltarem. Prenderam oito índios por desacato a autoridade. Eu consegui escapar e ainda trouxe uma algema deles comigo. Quem me tirou realmente das mãos da polícia foram as crianças, meninos de 10, 11 anos.

Eu sei que teve política nessa ação. Houve uma busca e uma apreensão sem ninguém saber, nem FUNAI, nem Recife e nem Brasília sabiam. Nenhum chefe de posto sabia. Ninguém sabia de nada. Então, só podia ser uma coisa arrumada, coisa armada por causa da terra. Porque os que moravam aqui têm muita ligação com política. São famílias de polícia, de delegado, de vereadores, envolvidos com o prefeito. Eles estavam de uniforme, todos fardados. Aqui dentro da Ilha tinha uns 50 homens da polícia. Eles invadiram a área de repente.

Por que só falam que o índio foi agressivo e não que ele foi agredido?



Aqui jogaram tantas bombas que os meninos ficaram traumatizados que quando vêem um avião saem correndo.

De outra vez eles me prenderam. Fiquei dois meses na cadeia. Também foi por causa da Ilha do Bambuzinho. Esses dois meses que fiquei preso em Cabrobó foi para que eles provassem que as denúncias que estavam fazendo contra minha pessoa eram verdadeiras. Só que não foi provado! Os posseiros fizeram o tumulto para me prender, só que na hora da verdade diante das autoridades eles disseram que tinham feito um negócio comigo. E foi mesmo um negócio que fizemos com eles. Os próprios posseiros incentivaram Issor a fazer essa retomada. Eles achavam que ia acontecer rápido e pronto! Só que isso não funciona em canto nenhum. É um processo lento. Depois eles mudaram a história, dizendo que nós tínhamos roubado eles, para que nos incriminassem. Ai, teve perseguição, pela luta, por tudo.

Ilha do Bambuzinho ficou uma terra ruim de resgatar por causa destes contatos com os políticos... Até hoje eles ameaçam... Graças a Deus não perdemos ninguém e nem tiramos a vida de ninguém.

A questão é que apesar de sermos os donos da terra somos considerados ladrões!

As pessoas de Cabrobó dizem que o povo Truká é violento, mas sabe que se entrar aqui vai ver que é totalmente o contrário. Todo mundo vive tranquilo e sossegado.

Aqui dentro não circula só índios. Vem os atravessadores que compram arroz, feijão, banana. Mas sempre, quando acontece alguma coisa de errado, quem "paga" são os índios.

Eu já morei em cidade grande e sei o que é violência. Mas aqui eu não vejo, não.

Aqui todos são pessoas humildes

Agora que só tem índio aqui não existe roubo, estupro, nem amanhaço pessoas mortas...

O índio não quer riqueza, não quer pisar em ninguém, quer paz.



DENA, um Capitão da aldeia Truká

Finalmente retomamos nossa terra... esbagaçada, deteriorada.... mas nós vamos

ZELAR PELA TERRA A VIDA TODA!

Eles nos entregaram um solo morto, a sucata da terra com a herança das ovelhas e das algarobas. O que ficou: a erosão e o sal. A algaroba não dá espaço para outras árvores nativas, como o juazeiro, a quixabeira, braúna, arueira, jurema. Cerca de 40% de nossas terras estão improdutivas por causa da algaroba, do adubo, dos agrotóxicos, das queimadas.

Outra coisa que está destruindo é o arroz! Porque ele precisa de muita água e esse desperdício de água estraga o solo todo.

Como capitão da aldeia Truká, a minha parte é a proteção do arquipélago.



Um dia eu estava passando e vi um índio cortando uma ingazeira nas margens do rio. Aí, parei a lancha e perguntei o motivo porque ele estava cortando a árvore. Tinha duas árvores e ele estava cortando a ingazeira ao invés da algaroba. O índio respondeu que não cortava a algaroba porque ela dava uma vagem. E eu logo disse que aquela vagem empobrecia o solo, coisa que ele não sabia. Expliquei que a algaroba provocaria uma erosão e já como a casa dele ficava em um barranco, um dia aquela algaroba ia acabar derrubando a casinha dele. Disse que a algaroba é como um câncer.

Já este ingazeiro, eu disse, não dá uma vagem para o senhor dar aos bichos, mas é ela quem segura e prende o solo.

A partir daí, aquele índio já está cuidando da terra e ensinando isso p'ra todo mundo.

Quando retomamos nosso território, ver o rastro da capivara dava trabalho. Hoje, o número delas já se multiplicou.

A luta não terminou aqui. A reconquista das terras e a indenização não deixam tudo resolvido. A questão é todo mundo estar unido, trabalhar e viver e criar os filhos em comunidade, porque **quanto mais união mais força.**



DENA

Somos todos iguais, não existe diferença de cor, de raça, de qualidade, somos todos irmãos e temos que viver em comunidade...

Acho que a pessoa vivendo em comunidade vive com mais amor em relação ao outro.

Acilão ficou doido! Meu pai era um homem sadio, mas um dia adoeceu com uma febre, ficou doido e depois foi que ele se aleijou. Passava um dia e uma noite acordado, depois um dia e uma noite dormindo. Depois foi Marina e depois Prosperina que ficaram loucas.

Eu tinha de 9 para 10 anos e vi quando eles pegaram aqueles cachimbos de ciência do índio. E também tinha uns apitos. Ai defumaram as pessoas que tavam ali. As meninas e Zé Martins e meu pai estavam caídos depois de começar a dançar.

Minha mãe disse que ia atrás de um João Amaro, que trabalhava com uma índia velha de Rodelas, de nome Maria Cabocla p'ra ajudar a levantar. Eles combinaram ir p'ra Rodelas dançar com os índios de lá. Eles ficaram bons depois de começar a dançar Toré.

As meninas, Marina, Prosperina, Zefinha e Antônia logo que terminou esse trabalho, perguntaram para meu pai quando é que iam dançar de novo. Ele disse que só podia se dançar dia de quarta e sábado. E assim começamos.

Deste dia em diante, por 10 anos, João Amaro trabalhou com meu pai. Meu pai era mestre e ele contra-mestre.

Aí, meu pai começou a sofrer, porque a polícia vinha atrás, levava esporro, apanhava, era maltratado...

Quando ele se achava muito perseguido, embarcava na canoa, ia p'ra Belém de São Francisco.

Depois que João Amaro parou de trabalhar com meu pai, veio Antônio Cirilo, que era um velho guerreiro. Tem muitos documentos que meu pai passava p'ra ele (que meu pai não podia ir) e ele ia despachar em Recife.

Ele trabalhava muito p'ra saber o nosso nome de origem.

Ele foi a Rodelas e trouxe uma prima de nome Luizinha, que trabalhou um mês com ele.

Um dia, deitou uns cristais, durante as ciências, vieram dar o nome p'ra ele assim:

"Tuxa, Tuxá, Tumbalalá, Nação Truká".

Foi nessa luta e morreu com 50 anos.



Dona Maria de Lurdes Ciriaco (69)





Eu tenho orgulho que meus antepassados tenham deixado esta origem para nós e já que deixaram vou aproveitar ela até o fim!
E quando eu morrer tenho que deixar para meus filhos, para eles fazerem as coisas também.



Tem gente que tira o espinheiro todinho, eu não, não carece, passo a mão, passo a faca nele e puxo com a mão, nós tiramos a fibra, depois batemos ela bem batidinha para ficar macia e depois a gente faz a corda.

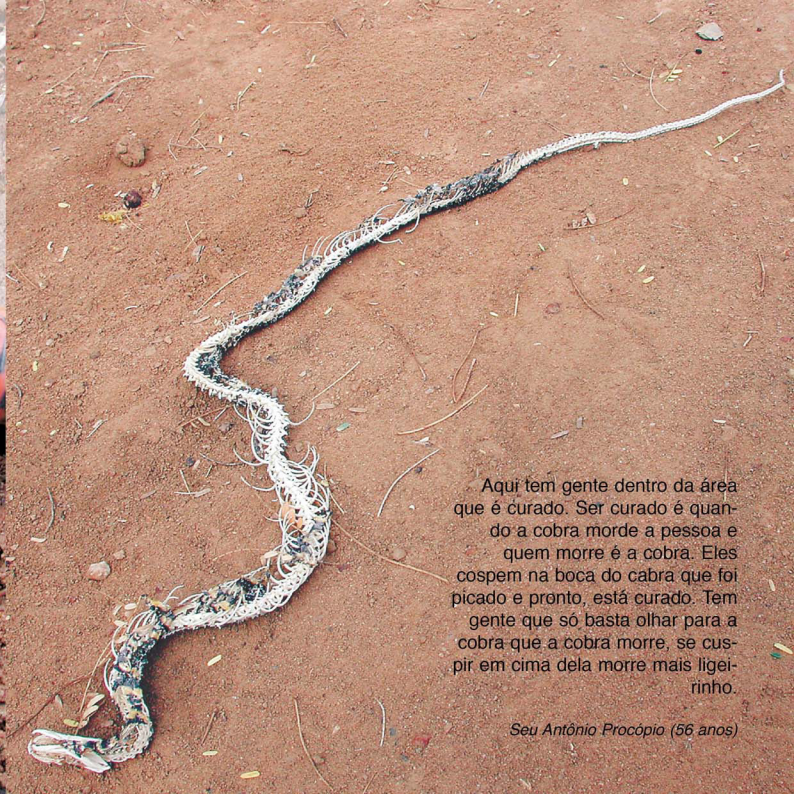
Seu Antônio Procópio



COBRA

Se agente matar a cobra e ela virar de barriga para cima logo aparece outra. A cobra põe os ovos e depois quando tem os filhotes ela engole para quando ela produzir novamente já saírem venenosas. Foi matada uma outro dia que tinha 33 cobrinhas dentro dela. Bateu nela e saíram de dentro um monte. Se a gente bater nela e não matar, de noite ela vem esperar a gente, se não matar bem matadinha ela vai até aonde o cabra for. Parece que ela conhece pela voz da pessoa.

A Salamandra de Fogo, aqui tem muitas, tem horas que a gente vê elas passarem pela estrada, aí tem que ter coragem, se tem medo é pior. Já tirei um couro de cascavel de três metros.



Aqui tem gente dentro da área que é curado. Ser curado é quando a cobra morde a pessoa e quem morre é a cobra. Eles cospem na boca do cabra que foi picado e pronto, está curado. Tem gente que só basta olhar para a cobra que a cobra morre, se cuspir em cima dela morre mais ligeirinho.

Seu Antônio Procópio (56 anos)

Fui pro mato com umas amigas e as meninas estavam quebrando lenha e eu me sentei num cipó e fiquei me balançando. As meninas quebrando a lenha e eu brincando. E eu estava em baixo de um pé de pereiro e vi no chão um negócio enterrado. Aí, desci do cipó e cavei o chão. Era um cachimbo dos antigos que eu achei.

Tirei dois do chão e um quebrou.

Eu gritei: Eta, **eu achei um cachimbo dos caboclo!**

A outra menina disse: É nada!

Eu disse: Olha aqui! É sim!

Ela falou: Mulher, vai botar lá de volta!

Eu disse que ia levar e mostrar pro Raimundo, que era um velho. Nós vivíamos na casa dele. Seu Raimundo disse que ia levar para seu Acilão.

O cachimbo ainda ficou com esta menina que tinha ido pro mato comigo (Ana).

Depois que eu achei o cachimbo, de noite sonhei com seu dono, ele cantava a *linha* todinha. Eu amanheci cantando também:

Maria Soledade, 68 anos



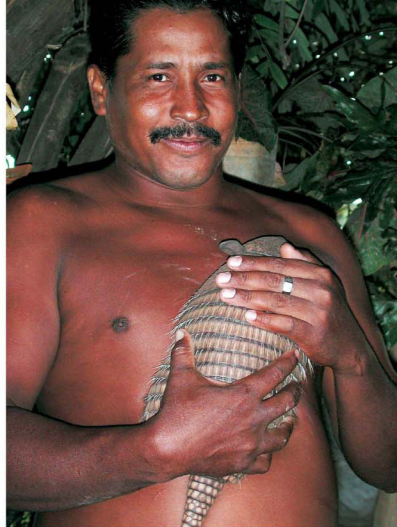
*Cadê o Meu Guia Mestre
Que eu não mandei você apanhar
Apanhasse ele ali e olhasse
botasse o meu guia lá*

*Todo dia, toda hora
Vou visitar o lugar
Agora como é que eu faço
Meu Guia para mim fumar*

*O índio que bem soubesse
Não andava com besteira
Tomar a ciência alheia
Pra dar a outra criatura*

*Eu venho lá da jurema
Eu venho lá do juremá
Eu venho é beber jurema
E bem-vindo trabalhar.*

*Quem não souber do meu nome
O dever é procurar
Eu sou o Manê Mário
Do tronco do jurema.*



*E essa lição é para não tomar o que é alheio.
Dão (filho de Maria Soledade)*

Ser índio é ser humano.

Somos apenas pessoas diferentes porque temos culturas diferentes. Eu até me assusto quando vejo as pessoas criminalizar os índios, achar que índio é bicho do mato, que índio tem que andar no mato, tem que andar nu...

Acho que o Brasil precisa passar por uma reformulação cultural. Eu acho que o ensino tradicional brasileiro tem que ter uma nova estrutura. Porque nós não ÉRAMOS índios; nós SOMOS índios, com todos os direitos e deveres.

Eu vejo com muita tristeza quando a sociedade trata a gente como animal. Nós temos o direito de ter carro, de ter casa boa, de ter telefone, de ter e dar aos nossos curumins e parentes uma vida digna.

Nós precisamos estar informados, estar bem estruturados culturalmente, não só na cultura índia, mas na cultura da civilização branca. Porque todas as nossas informações e nossos direitos são administrados pela sociedade branca. Tem muitas coisas que não se resolvem com o branco, com cortina de fumaça, com sinais de sol. Tem coisas que se resolvem com telefone. Todo tipo de modernidade trás um perigo junto. Acho que a gente deve ter os pés no chão o suficiente para saber o que é bom e o que é ruim. Nós precisamos ter pessoas responsáveis, principalmente nas salas de aula, onde vai se instruir de forma séria e correta. Nós temos ainda um privilégio, somos diferentes. Porque além de sermos, hoje, pessoas formadas e termos entre nós médicos, advogados, dentistas e enfermeiros, nós damos à

natureza um tratamento de ser humano. **Nós tratamos a natureza como tratamos o nosso corpo e a nossa alma.** Isso são coisas que um percentual da sociedade branca não faz.

Então, tenho certeza que uma parte da sociedade branca do mundo precisa ter um respeito maior pelos índios, pelos ciganos, pelos negros. Porque nós somos tecidos diferentes, mas temos os mesmos sentimentos.

Os excluídos, que vivem nas periferias, que moram embaixo das pontes, nas favelas, deveriam receber um tratamento melhor.

Nós precisamos ser respeitados.

A gente pede força a Tupã, para compreender a fraqueza e o egoísmo das pessoas. Só quem pode julgar e fazer pagar por todos esses desafetos é Tupã.

Issor Truká



Tu não é índio!

Morar na Ilha é mais saudável. Aqui é todos por um e um por todos. Lá na cidade, você se vire, ninguém é parente seu, ninguém é nada seu.

Se disser que é índio lá é caçar confusão, é discriminação.

Com meu primo aconteceu assim:

Tu não é índio!

Por que não sou?

Porque não é! Nunca vi índio branco!

Comigo eles dizem:

Tu não é índio, tu morava perto de casa!

Tem umas professoras que nos chamam de ladrão, diz que nós roubamos a terra.

Rodrigo





Eu estudo em Cabrobó.
Lá tem uns 40 alunos na
sala e só tem 4 índios.
A professora sempre
canta "parabéns" para
os alunos que fazem
aniversário, e para mim
ela não cantou. Um cole-
ga perguntou porque ela
tinha se recusado e ela
respondeu que era por
eu ser índio.
Essa professora lamenta
diariamente, porque era
posseira na nossa área
e perdeu suas terras.
Eu acho que todo mun-
do tem que respeitar
todo mundo.

Elson





P'ra nascer é 8 dias p'ra semente do arroz espontear. Ara a terra e vai mudar lá pra 30 dias, que tá bom de mudar. Depois de 30 dias de mudado, dá o veneno p'ra o mato. O mato morre. Com oito dias, aduba de novo. Molha e na outra semana ela já tá verdinha e o cabra vai esquadreja tudo e bota as mulheres pra mudar. Aqui mesmo foi na enxada. Tamo com os braço doendo de cavar isso aqui.





Antonio Chico (1928) Contramestre



A religião do índio é beber Jurema.
É ir no mato e fazer as obrigações.
Ir no mato para arrancar a raiz da
Jurema, no dia do *trabalho*, depois
fazer o Toré, cantando e dançando
com a Jurema.
Primeiramente é a Jurema, porque
é dela que vem a força para o *trabalho*.
alho.

*Andei, andei, andei no mundo
andei, ei na ei
Eu bebendo a jurema e forgando
mais o velho Ka...*

A *mesa* é todo mundo cantando,
concentrado, sentado, tomando o
vinho dos índios, a Jurema, as
velas...

Tonho de Chiquinho (1932) Mestre

Tem que ser todos um corpo só.
Temos que cuidar de nós todos, de nosso costume.
Nosso costume é dançar Toré.
Não é o samba, o pagode ou o forró.
O Toré nos dá todo ensinamento.
Os antepassados dão orientação para a gente,
mas não é todo índio que procura isso.
Tem também índios que vão para a malandragem,
alguns não querem se reger pelos mandamentos.
Sem o Toré não teria mais índio.

Nasci e me criei com o Toré.
Cantar, dançar, beber Jurema.
Maracá era da boca da noite até amanhecer, era de sábados e quartas.

O que eu quero para mim eu quero para os outros todinhos.

Encanto não se pega com a mão.
A gente se concentra na Jurema e aquilo entra na cabeça e dá tudo certo.
No Toré, eu sei o que está acontecendo,
está entrando um e saindo outro,
porque alguém está soltando para eu soltar.

Eles ensinam tudo.

O índio canta para isso.



Eu nasci e me criei aqui, mas a reza eu aprendi de mim mesma. Eu sempre fui muito curiosa e sempre vou aos lugares para aprender.

Nós somos duas pessoas e a mesma pessoa. Nós nos amamos muito, nos respeitamos muito. Nossa vida é um livro de páginas abertas. Nós vivemos em muita união.

Lá, em cada lugar que a gente morou, construímos uma família, família de amizade, porque a família não é só os parentes, são aqueles a quem você tem amor, respeito, aqueles que você gosta de verdade.

Maria Diva dos Santos Barbosa



Antigamente, a gente se divertia mesmo era no Toré! Claro que não ia perder a festa nas quartas e sábados! A brincadeira do índio ia da boca da noite até amanhecer! O dia amanhecia dançando Toré, no tropelo e ninguém se enfadava.... Passava a noite dançando, não dormia, não. No domingo, não trabalhava na roça, descansava O *trabalho* (espiritual) na aldeia não deve parar. Tive 13 filhos e todos em casa, sem nunca ir *pro* hospital. Antigamente, tudo era assim, se pensava as coisas! Cortava o umbigo e guardava ele até quando o menino ficava grande. Depois é que enterrava! Tinha privilégio daquele umbigo guardado! Ele era bem guardado por causa do rato, p'ra não pegar o umbigo da criança. O povo tinha um entendimento que se o rato pegasse o umbigo, o menino ia ficar que nem o rato, pegando em coisa alheia. Para a criança que estava doente, de barriga grande, se botava o umbigo de molho e dava essa água para a dona do umbigo beber. E valia!



Nesse tempo não tinha médico, não! Hoje, qualquer coisinha corre *pro* médico! Mas de primeiro, não tinha isso, não. Era difícil! As medicinas eram essas, de pau, de crença. A FÉ É QUE CURA! TER FÉ EM DEUS É QUE CURA! Antes, não tinha médico e se curava, hoje não é bem assim.

De primeiro, no resguardo, as mulheres quando descansavam não comiam toda comida. Só comia o feijão com 5, 6 dias. Só comia carne. Criava já as galinhas para o resguardo, aí passava todo o resguardo comendo galinha e bode. Manga não comia. Comia um jerimunzinho, porque abóbora tem leite e não podia.

Não é como hoje que as mulheres ganham a criança num dia, no outro já está por aí, caminhando. E as crianças tudo doente, depois.

De primeiro, era três dias a mulher deitadinha, quieta.

Argentina





Juá

Como minha mãe não tinha condições de comprar sabão, eu lavava com juá. Ela raspava o tronco do juá e ia pro rio e lavava a roupa, ensaboava e dava a espuma. Esfregava, tirava o grude, passava de novo e deixava de molho um pouquinho. Enxaguava e botava p'ra enxugar, aí, ficava limpinho.

O juá era a mesma coisa do sabão.

O juá também serve como remédio. Se a pessoa tiver uma gripe muito forte, pode raspar o juá, deixar ele de molho no sereno. Aí, bate ele e tira aquela espuma e toma ele. É BOM PARA GRIPE.

Antigamente, o pessoal fazia remédio de juá para coqueluche. Os mais velhos tiravam as nove águas e davam para as crianças beberem.

Meu pai conta que antigamente, eles comiam o juá por necessidade. Preparava assim: botava para secar, colocava no saco, pisava no pilão e comia. O juá era igualmente à farinha da mandioca. Dizem que no tempo do juazeiro, era uma festa para eles.

Cissa entrevista Robertina (38 anos)

Rapa de Juá

Bota na água em cima da casa para pegar o sereno. Depois tira nove espumas e joga fora, bota um pouquinho de sal e pronto. Gripe não existe.

Ou então bota casca de quixabeira ou de angico e pronto.



Tira a casca do Juá, rapa o tronco e bota na boca, aí faz a espuma.

Foi meu pai quem me ensinou. Eu prefiro escovar com o dedo que machuca menos. O Juá é bom para não criar os bichos que ficam furando os dentes, os micróbios.

Do Juá se come o fruto, faz sabão para lavar a cabeça, que é bom para não criar piolhos, e para lavar roupa.

Eu quero levar o Juá para escola porque muitas crianças não tem condição de comprar a pasta dental



Meus filhos são uns brancos e outros mais moreno porque eu sou descendente de dois povos indígenas: Atikun e Truká. A família de minha mulher vem do Pará e do Rio Grande do Sul.

Ser índio é valorizar nosso sangue e a nossa cultura, que os mais velhos passam para a gente.

Meu costume é dançar Toré, sempre ir às *mesas*, os *trabalhos de ciência*, defender a questão indígena, educar sempre a família da importância de ser índio e dar valor a nosso sangue...

Ser índio é ser unido com a comunidade dos povos indígenas; temos que ser todos irmãos.

O índio tem que valorizar a sua cultura.



JACARÉ

A gente tira os dentes
do jacaré p'ra botar
nos braços das
crianças contra o mal
olhado! Fazemos
pulseirinhas



O couro serve para
remédio.

O casco p'ra fazer
defumador.

A banha do jacaré é
boa para reumatismo e
dor no joelho.

E a carne é bem
parecida com peixe!



Mãe Rosa (Paulo Ciriaco)



QUEM NÃO TEM COSTUME COM TERRA NÃO LUTA COM ELA!

Os encantos diziam para Acilão que iria aparecer uma pessoa p'ra *trabalhar* junto com ele; ANTÔNIO CIRILO, meu pai. Eles não se conheciam direito, mas Acilão veio muitas vezes atrás de meu pai, até que ele foi e passou 6 meses sem voltar pra casa.

Aí, começaram os *trabalhos* e meu pai também começou a ver as coisas. Os *encantos* ensinaram também para ele o que ele tinha que fazer, como depois fizeram comigo.

Quando eles trabalhavam, começava a perseguição dos posseiros e da polícia. Aí, eles fugiam e ficavam nas ilhas ou em Rodelas ou Belém do São Francisco. Lá, meu pai começou fazer cartas e mandar para o SPI. Em 1947, veio o primeiro antropólogo, Tuba Viana, que encontrou 27 famílias e assim a aldeia foi reconhecida. Em 1947, tinha índios e posseiros aqui na ilha. Mas o índio não podia se identificar como índio. Se ele se identificasse era morto ou era preso. Todo mundo vivia com medo. Os índios só se encontravam nos *trabalhos*, às escondidas nas ilhotas, na Ilha da Onça, nos matos...

Em 1957, foi a última expulsão daqui. Foi em setembro que a polícia veio prender meu pai. Ele trabalhava num engenho de cana do governo que tinha aqui. Fazia rapadura, cachaça, vinagre... As últimas 27 famílias foram expulsas e fomos para a Ilha da Onça e moramos lá até 1960. Lá tivemos uma epidemia que deu uma febre terrível em todos. E foi com as ervas que nos curamos. Banhos e chás, como pau ferro e quixabeira. Nestes 3 anos nunca chegou ninguém, nenhum médico, nenhuma assistência. Depois veio a enchente, com a barragem de Sobradinho. Nós tivemos que sair para a Fazenda Boa Vista de um amigo de meu pai, que já tinha sido expulso daqui. Lá a gente ficou por mais ou menos uns oito anos. Depois, nós fomos para a periferia da cidade, na Subestação. Logo, eu precisei sair da ilha porque mataram meu filho mais velho e também porque queriam me matar. Fui embora para São Paulo e me preparei. Recebia orientação com os invisíveis, sempre com meu *quaqui* (*cachimbo*) e minhas velas. Mandei até buscar a Jurema! Lá eu fazia minhas obrigações. Meu pai sempre me aparecia e meu filho Dena também me falando p'ra voltar para a Ilha p'ra tomar conta do que era meu e da minha missão. Voltei e comecei a fazer reuniões com a comunidade. A retomada começou em 1994 e era difícil, porque os brancos, com suas propinas, escondiam os documentos.



Então, nós entramos numa área e fui a Brasília para avisar. Em 1995, fiz a segunda retomada. Teve um dia que eu recebi oito viaturas, até a polícia de choque veio aqui. Eu não ia medir forças com eles, então, puxei meu maracá, balancei e botei todo mundo para dançar Toré. O sol estava quente e eu dizia: Vamos botar esses policiais a correr com poeira, com terra! Eu estava com 172 famílias, todos dançando Toré por 12 horas, até que os policiais se cansaram com a poeira e foram embora. quem não tem costume com terra não luta com ela! O padre tinha dito a mim que na ilha não tinha índio! Quando foi um dia, eu juntei os índios todinhos fizemos o cordão, viemos p'ra rua e quando chegamos na igreja o padre se surpreendeu! Entrei na igreja e os índios todos me acompanharam, fizemos a roda e dançamos nosso Toré. Quando acabamos dissemos ao padre que ele podia continuar a missa. Ele tava todo tremendo... Visitamos todas as igrejas de Cabrobó, fomos à praça, dançamos e nunca mais ninguém mexeu com a gente. Aqui foi um sofrimento muito grande, mas graças a Tupã, hoje já temos onde morar.

Maria de Lurdes Cirilo dos Santos (1944)



LAMBEDOR

Este lambedor serve p'ra bronquite e todo tipo de gripe. Aqui tem mangará de banana (flor da bananeira), tem a flor do mamão, tem casca de ubiratanha e de jatobá, raiz de espinho de cigana. Era p'ra usar a flor da catingueira, mas o mato está seco e eu trouxe a folha. Está faltando a babosa e a imburana de cambão. Vou começar a tomar hoje e amanhã já estou melhor.



O lambedor é muito melhor que muito remédio de farmácia!

Lava as ervas e bota no fogo p'ra cozinhar com uns 2 litros d'água que vai se tornar em um litro. Cozinha todo o tempo abafadinho na panela de barro.

Depois de cozinhar todas as misturas de ervas e cascas, cõa. Se der um litro, bota meio kilo de açúcar. Mel também é bom, mas o da Mandassaia (tipo de abelha) é melhor! Esse mel tem na caatinga, na árvore, no chão.



A gente faz os brinquedos de lata

porque não tem dinheiro p'ra comprar. Mas é mais divertido fazer! Vai fazendo e brincando.

Sai *caçando* as latas p'ra cortar. Faz canoa de lata, de casca de coqueiro.

Eu faço umas casinhas de telha, de bloco velho...

Dá p'ra todo mundo brincar.

Faço balanço de tábua velha...

Para pescar, usamos saco de cebola como rede. Nossa diversão maior é quando pegamos o mutum, que é um peixe maior. Nós matamos ele porque ele dá choque...

Caça as coisas no lixo p'ra brincar, como sandália velha e prega nos nossos carrinhos.

A gente vai buscar o barro na beira do Rio São Francisco. E faz um monte de coisinhas. Depois, deixa um tempo no sol p'ra secar. Depois de uma hora já dá p'ra brincar. Pode botar no fogo p'ra queimar e daí não quebra. As meninas também fazem bonecas de barro.

Everaldo (14) e Jorginho (10)

Para fazer minha boneca eu corto um cano de mangueira para o corpo, desfilio um pano para fazer os cabelos.

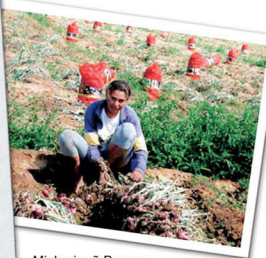
Faz bolinho de terra, comidinha de terra, os bonecos de terra.

Gilmara (7)



Fui criada longe da minha Mãe, estudei na Escola dos não índios e hoje não sei onde a natureza se voltou a meu lugar de origem e mesmo que a maior lição aprendida muito com o meu povo, descobrir que aqui é minha Verdadeira Escola onde aprendo a minha própria História que foi construída por grandes heróis, Guerreiros que tiveram seus nomes marcados por sangue e suor mas também de muita luta e resistência muitos são heróis de puro sangue e dispostos as culturas indígenas. O povo Truxa tem raízes costumes e tradições não violentas, Guerreiros de puro sangue e junto com o meu povo buscamos o respeito a nossa identidade porque nós somos os Verdadeiros filhos da terra que trouxe um traço muito quando tinhamos de nós índios o direito de viver em paz e a nossa ligação com a mãe natureza e manifestada nos nossos cantos, danças, balizados do maracá, pipada do tou no dia a dia e é praticando nossos rituais respeitando e valorizando a natureza que a memória dos nossos antepassados permanece vivos, nos dando força e luz para irmos em busca dos nossos direitos Verdadeiros.

Edna Pajé (20 anos)



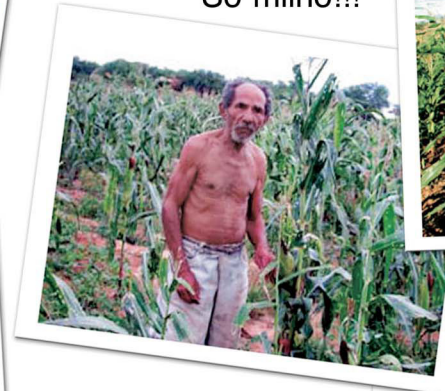
Minha irmã Branca



Pedra que serve para os índios se pintar



Só milho!!!



Nós plantamos cebola, arroz, manga, macaxeira, mandioca, goiaba, coco, coentro, alface, tomate, melancia, pimentão, pimentinha, cachi, cenoura, beterraba e milho.

Quando nós dizemos: só milho! É uma expressão de que está tudo bem!



Acho que a maioria do povo do Nordeste é índio. No tempo da escravidão, os brancos usavam as índias e as negras para servi-los. Chegava aqui, pegava uma índia, fazia o que queria e pronto.

Ainda tem gente que não sabe o significado de ser índio. Para mim, ser índio vem da natureza. Quando você nasce com aquele dom, e você sabe de onde vem a sua raiz, você é índio.

Tem muito índio daqui casado com gente lá de fora. Muitos brancos casados com índias daqui e assim, a mistura acontece.

Muita gente pega aquela imagem da televisão, dos índios da Amazônia, do cabelão liso, dos livros que tão tudo errado. É a mesma coisa que você dizer que foi Pedro Álvares Cabral quem descobriu o Brasil. Na época que eu comecei a estudar foi isso que eu aprendi.

Quando fizemos a retomada de nossas terras muitos índios correram. Mas quando começamos a enfrentar, o medo desapareceu.

O que nos deu força para vencer foi o Toré.

Zé Carinhonha



EU TENHO UMA OBRIGAÇÃO COM O MEU POVO.

A mais importante tarefa é trazer para nossa aldeia o resto do nosso Povo. Para isso acontecer, precisamos de mais terra. São 50 famílias que estão vivendo de forma empobrecida na periferia de Cabrobó ou de outras cidades e isso não é justo.

Tivemos cinco etapas de retomadas e hoje nós temos mais uma para realizar.

Se o governo honrasse o que diz a Constituição não tinha índio passando fome, não tinha índio sem terra. O governo a partir de 1988, se comprometeu a, em cinco anos, demarcar todas as terras indígenas. Pediu mais tempo e não demarcou. O Estatuto era p'ra ser aprovado em 1992 e não foi. Então, por que a gente tem que ser pacífico se o governo é agressivo contra os nossos direitos.

Nós, do Povo Truká, não somos agressivos. Nós somos aguerridos. Somos um povo indígena que sabe o que quer, acredita na luta e sempre consegue o que quer.

Nós simplesmente sofremos 500 anos de invasão, fomos marginalizados, criminalizados, muitos foram banidos da face da terra e hoje não queremos mais isso. Queremos viver em paz. Se p'ra viver em paz com o nosso Povo nós temos que romper e ir de encontro ao sistema do governo, nós vamos.

O branco reclama, talvez com razão, porque o branco de hoje não tem que pagar pelo erro do seu antepassado. Se o branco fosse bom ele devolvia a terra indígena sem precisar brigar.

Será que são mesmo bons? Eles tiraram todos os frutos da terra. Deixaram a terra pobre, com o solo esgotado. E quando a gente, de forma boa, quer a nossa terra de volta, mesmo estragada, para eles entregarem é a custo da vida de muitos dos nossos. Então, de que povo bom estamos

falando? Será que nós somos mesmo agressivos? Será que realmente precisamos usar de violência para poder ter o que é da gente de volta? Não é ter o que a gente quer. É ter o que é nosso por direito.

Nós não brigamos por um pedaço de terra, nem por um prédio na cidade. Nós só brigamos por aquilo que temos certeza que é nosso. Que é a nossa Mãe Natureza.

Você não vê um pedaço de terra ocupado por um branco que tenha mata nativa. Onde tem caatinga ele vai metendo o machado, vai derubando e vai acabando. Aí, o índio é chamado de preguiçoso porque ele deixa criar vegetação.



Eles dizem que a Ilha da Assunção era tão produtiva, que era o coração de Cabrobó. Ora, que coração é esse, que está aí doente, sem poder bombear sangue, anêmico, com índice de salinização em torno de 50%, onde não dá mais nem pé de planta? Que coração bom é esse, que ninguém cuida dele? Que nenhum desses posseiros tratou, não se preo-

cupou com um tratamento de solo, um sistema de drenagem de qualidade, p'ra tirar aquele sal produzido pelo uso insensível de agrotóxicos? E nós pegamos nossas terras todas danificadas. Mas graças a Tupã eu estou satisfeito, porque estou no que é meu de volta. Eu vejo uma parte de nossos parentes bem porque está em seu pedaço de terra. Está bem por ter a certeza e o prazer de ter voltado à sua terra natal, que foi determinada por Tupã.

Esse outro pedaço de terra que é nossa e que ainda queremos recuperar, se precisar de uma forma mais enérgica a gente vai usar. Porque o *branco*

bonzinho não sai de lá de livre e espontânea vontade. Nós precisamos estar com ferro quente cutucando p'ra ele sair, para o governo reconhecer o que é nosso e indenizar o branco.

Na verdade quem tinha que ser indenizado era a gente pelos danos causados pela colonização e pelos *maus* projetos do governo. Era nós que merecíamos ser indenizados por ter sofrido 500 anos afastados da nossa terra. E nós não cobramos isso. A única coisa que queremos é nossa terra de volta, para sustentar o nosso povo e ver nossos irmãos e nossos *curumins* todos satisfeitos, correndo por ela. Nós não queremos indenização pela terra nem pelos danos morais cometidos. Nós só queremos a terra. Se nós tivermos que brigar para termos o que é nosso de volta, nós vamos brigar. Vamos brigar com o maior prazer. Não é Issor Truká que está dizendo, é o Povo Truká. Sou apenas um porta-voz de meu Povo. Estou aqui predestinado para fazer o que é determinado por eles.



SEMPRE NA LUTA COM O COLETIVO

RAFAEL: Como começou seu cargo de liderança?

MOZENIR: Foi natural. Comecei na luta bem cedo. Nasci diante do sofrimento de meu povo e foi necessário me engajar porque via que as coisas andavam e meu Povo ficava para trás. Mesmo tentando estudar, buscando o conhecimento, eu precisava estar na luta. E muitas vezes tive que abrir mão da minha vida pessoal em nome da luta que começou com o meu bisavô e que precisava que nós reconquistássemos o território.

RAFAEL: O que você fazia antes de ser líder indígena?

MOZENIR: Já fiz de tudo um pouco. Até fui político, vereador, representando o meu Povo. Talvez o único vereador do Povo Truká. Tive oportunidade de ir para a Câmara em um momento importante, quando a gente estava na nossa última retomada. Foi preciso entrar como vereador e eu usei este título no Poder Legislativo para defender os interesses do meu Povo para que a imprensa também se voltasse para a luta indígena Truká, que era uma luta marginalizada e discriminada pelo povo de Cabrobó.

RAFAEL: Seu avô também era líder?

MOZENIR: Meu bisavô foi quem começou toda a luta Truká, através dos *Encantos*. O nome dele era Acilão Ciriaco. Ele foi uma pessoa que, graças a Tupã, teve a oportunidade de o *Encanto de Luz* vir até ele dizer: "Este é um povo indígena e este é um território indígena". Ele sofreu muito. Era aleijado de uma perna e mesmo assim, conseguiu seguir a luta. Ele foi o único homem que mesmo sem uma perna foi até o SPI, no Rio de Janeiro, e conseguiu, mesmo que perseguido pelos posseiros, manter e deixar para eu e meus filhos, que já são seus tataranetos, o território Truká.



RAFAEL: Quais são os deveres de agora do Povo Truká?

MOZENIR: A união. Nosso Povo é forte e guerreiro e já provou para o Brasil e para o mundo que unidos somos capazes de reconquistar o nosso território, que é muito mais além do que somente a Ilha da Assunção.

RAFAEL: Você vai passar seu cargo para seus filhos?

MOZENIR: Os meus filhos, graças a Tupã, são guerreiros e pessoas que, junto comigo, vieram para a luta. Tenho um filho de 11, outro de 9 e outro de 8 anos. Eles, religiosamente, toda quarta e sábado, dançam o Toré, e eles são líderes natos.

RAFAEL: Antigamente, o Povo Truká era muito criticado?

MOZENIR: Sim, e muito. Até hoje somos criticados. Quando eu era criança, da sua idade, 11 anos, estava no primário, já recebíamos críticas. As pessoas diziam que o povo Truká não existia e perguntavam quem éramos, já que os livros não falavam nada da gente. Eu sempre lutando, brigando, segui na luta.

Até mesmo na Câmara era difícil. Para dizer que nós existíamos tivemos que fazer muita zoadá, muito Toré. Nosso Povo teve que ficar unido para dizer que nós existíamos. Eu me sinto uma pessoa abençoada pelos *Encantos* por ser a pessoa que estava à frente, pela primeira vez no Legislativo, na Câmara dos Vereadores, onde levava o nome Truká.

RAFAEL: Como se faz para ser líder?

MOZENIR: Liderança se constrói no dia-a-dia. Ser líder se conquista com atitudes como a sua, estar aqui perguntando e se interessando... Ser líder é saber o que está acontecendo e estar fazendo acontecer junto com seu povo e pensar sempre na luta com o coletivo.



Povo TRUKÁ, povo guerreiro:

Agradeço por mostrar para o mundo, vossa força e perseverança.

Durante mais de 500 anos, sobrevivendo à violência e à injustiça, aos abusos do poder, de religiosos e de políticos, ao preconceito que se geraram na sociedade.

Muito sofrimento e hoje também muita garra para se re-erguer e até ensinar aos "civilizados" como se relacionar duradoura e sadicamente com nossa Mãe Natureza.

Muitos guerreiros TRUKÁ aceitaram o desafio de empunhar uma máquina de fotos e um gravador, para ajuntar suas histórias, para contar sua História, para abrir ao conhecimento seus sentimentos e sua realidade. Durante quase vinte dias de junho de 2002

fomos acolhidos pelos autores deste livro, que com minha amiga Gabi tivemos o prazer de colaborar.

Ouvimos os índios levantar sua VOZ em busca de respeito, na verdade de sua memória, para todos nós partilharmos, na arte de sua tradição, que a todos nós cabe cuidar.

Sebastián Gerlic



No dia 19 de abril de 2003 O projeto Índios na Visão dos Índios lançou seu quinto e sexto livros: "Kiriri" (BA) e "Tupinambá" (BA). Cinco índios de cada uma dessas Nações vieram a Salvador para participar de um Encontro Multicultural no Parque da Cidade e para visitar escolas públicas e privadas. Os Kariri-Xocó (AL), vieram prestigiar os trabalhos que possibilitaram a mais de 10.000 alunos conhecer mais sobre as culturas indígenas.

Este evento foi possível pela sensibilidade e apoio da Prefeitura Municipal de Salvador, sua Secretaria de Educação e Cultura, sua Secretaria de Transportes e sua Superintendência de Parques e Jardins.





Todos os dias caminho mais de uma hora para chegar na escola
Eliane



Patrocínio do Bompreço, utilizando os benefícios do
Programa Estadual de Incentivo à Cultura - Fazcultura
do Governo do Estado da Bahia.
Lei nº 7015/96 - Salvador - Bahia - 2003

